

Número da fita: 0137

Título: Oficina Memória, História e Patrimônio do Projeto Pontão de Cultura Jongo/Caxambu. Sul-Fluminense II

Mídia: Mini DV

Time Code		Vídeo	Áudio	Tema	Comentário imperdível (interno ao material)	Sugestão (conexões externas)
in	out					
00: 04	01: 26	Roda com os participantes da oficina. Foco em Hebe Mattos e Martha Abreu.	Comentários sobre a disciplina história e a história do grupo / memória – disputas e conflitos da memória e museu como um espaço político.			
01: 27	02: 13	Roda com os participantes da oficina. Foco em Mariza.	Comentários em cima do que a Hebe e a Martha haviam feito: questionamento do museu como um espaço de conflito e da sociedade – ausência do jongo em acervos de museus. Afinal, quem escolhe os acervos?			

02: 14	02: 32	Roda com os participantes da oficina. Foco em outra moça da comunidade (do lado da Martha Abreu).	A sociedade que escolhe o que vai estar no museu ou é a história que nos foi contada que faz isso?			
02: 33	03: 14	Idem.	Hebe Mattos comentando as duas perguntas anteriores.			
03: 15	04: 19	Hebe Mattos e Martha Abreu.	Idem.			
04: 20	05: 29	Iohana.	Transformações nas formas de pensar e nas questões que são propostas nos últimos 20 anos.			
05: 30	05: 57	Roda com os participantes da oficina. Foco em Mariza.	A falta do jongo nos acervos do museu do folclore.			
05: 58	06: 30	Martha Abreu.	Comentários sobre a ausência do jongo nos acervos de museu e a valorização ou desvalorização do jongo.			
06: 31	06: 52	Dona Eva.	Idem.			

06: 53	07: 03	Hebe Mattos e Martha Abreu.	Hebe Mattos e as pessoas que selecionam os acervos: pessoas que fazem política, políticas públicas – escolhas do que se achava que era para ser valorizado.			
07: 04	07: 57	Roda com os participantes da oficina.	Martha Abreu: escolhas são sempre políticas, assim como as que os participantes das comunidades fizeram.			
07: 58	08: 48	Martha Abreu.	Toda memória e construção da história são escolhas e envolvem valores.			
08: 49	11: 00	Dona Eva.	Comentários sobre como e porque o jongo deveria estar no museu. Desemboca numa questão relacionada à valorização do negro no Brasil.			

11: 01	11: 56	Roda com os participantes da oficina. Foco em Mariza.	Comentários de que mesmo dentro do museu escolhido para mostrar a cultura popular (museu do folclore), ainda existe separação / hierarquização.			
11: 57	12: 51	Dona Eva.	“Jongo é pai do samba, pai de não sei mais o que...”, mas não possui o seu próprio espaço, só os “filhos” possuem.			
12: 52	15: 09	Senhora de alguma das comunidades participantes (ao lado de D. Eva).	Necessidade das pessoas se prepararem para poder falar algo.		A partir daqui travasse um diálogo muito interessante entre os executores da oficina e essa senhora.	
15: 10	16: 00	Dona Eva.	Explica o porque de nós (UFF – Pontão) estarmos lá fazendo essas oficinas, na sua opinião.			
16: 01	17: 00	Senhora de alguma das comunidades participantes (ao lado de D. Eva).	Senhora pergunta: por que então só agora que essas coisas estão sendo feitas e não antes? Por que só agora do interesse?			

17: 01	22: 41	Hebe Mattos e Martha Abreu.	Ambas buscam responder as perguntas levantadas anteriormente.			
22: 42	23: 47	Senhora de alguma das comunidades participantes (ao lado de D. Eva).	Retoma a questão do porque só agora e não antes, há alguns anos atrás e porque pela universidade.			
23: 48	24: 18	Dona Eva.	Comenta sobre as perguntas que nós (universidade) faz a eles e muita das vezes eles (comunidades) não tem como responder. Afirma que se nós tivéssemos chegado antes talvez teríamos as respostas.			
24: 19	26: 38	Mariza.	Comenta sobre como se sentiu e se sente ao entrar no mundo do jongo e o silêncio sobre o jongo existente. Entretanto, também levanta o ponto que mesmo com esse silêncio, o jongo resistiu; associa a isso o ‘surgimento’ de interesses na pesquisa sobre o jongo.			

26: 39	27: 38	Dona Eva.	Fala sobre a experiência pessoal de entrar no jongo.			
27: 39	29: 48	Membro da comunidade do Bracui.	Fala que também não sabe como e nem porque o jongo resistiu tanto tempo no Bracui.			
29: 49	30: 47	Senhora de alguma das comunidades participantes.	Levanta a idéia de que toda e qualquer manifestação cultural negra resistiu / insistiu e não só o jongo.			
30: 48	32: 15	Roda com os participantes da oficina. Foco em outra moça da comunidade (do lado da Martha Abreu).	Comentários sobre as palavras reparação e ajuda, muito utilizadas nesse contexto. Levanta a idéia de uma via de mão-dupla, onde ambos os lados saem favorecidos.		Essa moça fala muito bem!	

32: 16	34: 32	Hebe Mattos.	Hebe Mattos comentando a utilização da palavra reparação e a sociedade escravista mais complicada do que a relação de reparação de antepassados brancos, com os negros do presente. Reparação no sentido da sociedade brasileira e não do antepassado. Concorda com a idéia de mão-dupla.			
34: 33	36: 01	Martha Abreu.	Martha Abreu contando suas experiências em entrevistas e a idéia do que a gente (universidade e universitários) ‘ganha’ com isso.			

36: 02	37: 35	Mariza.	Comenta sobre as relações existentes entre comunidades e pesquisadores e a preocupação que as comunidades devem ter sobre o que o pesquisador vai retornar a elas. Os espaços de troca como estas oficinas facilitariam essas trocas.			
37: 36	41: 48	Dona Eva e a roda com os participantes da oficina.	Reclama dos pesquisadores que vieram antes e nada deram em troca. Conta que sua mãe participou de um filme, mas nunca viu.			

Legenda dos temas:

Jongo – JO

Calango – CA

Folia de Reis – FR

Memória do tráfico – MT

Memória da África – MA

Campesinato Negro – CN

Quilombo – QL

Memória da escravidão – ME

Fazendas – FA